

cidindo. O resultado disso foi a mágoa de saber tudo acabado, como se um dedo gigantesco apertasse meu peito para deixar marca. Um dedo que me incitasse ao desespero, como se os sinais maiores me desarraigassem o coração num jogo de milagres. Eu creio no milagre. Que importa que agora eu esteja a um passo da febre mortal. Esta noite revivi num sonho um desejo de há nove anos atrás, um entendimento sem palavras que me devolveu a ordem mais urgente do meu destino. Não vivi em vão, não construí em vão, não perdi em vão. Na realidade, não perdi.

Me oferecem o pote de sal, os palitos de ouro, a coxa soberba, os óleos amoráveis. De que resquício de além destas matérias todas se formará minha próxima alegria?

30 de julho

É inacreditável o que a gente alimenta de esperanças em relação aos amigos, amigos que se alimentam no decorrer da vida. Tudo é um jogo de interesses que mudam de cor e de rumo, e a gente cansa da renúncia. Para quem, como eu, alimenta um insaciável demônio de ciúme exigindo exclusivismo, só resta um recurso: a solidão. Não se trata de uma invenção simbólica. Esta palavra (SOLIDÃO) é a mais dura, mais real, mais visível, mais próxima de mim. Tem figuras várias. Neste momento, por exemplo, saindo da casa de Alvaro Moreyra, onde já fui como um filho, e da qual de repente me afastei como se submergisse, a solidão é

um remorso que me instiga à autoflagelação. Não há remédio para a minha vida em comum.

⊖ A morte não existe. Acabo de escutar Claudia Muzzio cantando uma ária de "La Boheme". Puccini e Muzzio, duas matérias que não podem ter apodrecido, simplesmente. Ouvir esta gravação, ainda e sempre, é uma forma de se repousar no coração de Deus.

2 de agosto

Gasto a minha tarde jogando cartas com uma pessoa que desperta em mim toda uma curiosidade emocionada, além de um caminho para o amor. Terei direito a desfrutar o que os meus instintos solicitam? Eu sempre quis me esquivar da animalidade, e cada vez mais armo esta cama de lâminas ao redor de mim. Nesta tarde de jogo e confiança teci a distância de um comovido enleio. Horas depois eu já não sabia o que tinha feito. A vontade era de apagar a imagem formada. Porque não somos livres. Não estamos o suficientemente descomprometidos para embarcar na aventura. Pude contudo reafirmar ainda o meu desejo infinito de amar, sem receber — este é o recurso dos desamparados sentimentais.

Sim, sou um desamparado sentimental, mas não estéril.

A noite, indo para o teatro, no lotação, esta esquisita sonolência que há dias me acompanha. Sei que o meu organismo precisa reparos. Vem-me